

## **A dança das horas**

**Guilherme de Almeida**

Enviado por:

Publicado em : 01/01/1970 16:20:00

Frêmito de asas, vibração ligeira  
de pés alvos e nus,  
que dançam, tontos, como dança a poeira  
numa réstia de luz...

São as horas, que descem por um fio  
de cabelo do sol,  
e vivem num contínuo corrupio,  
mais obedientes do que o girassol.

Dançando, as doze bailarinas tecem  
a vida; e, embora irmãs,  
não se vêem, não se dão, não se parecem  
as doze tecelãs!

E, de mãos dadas, confundidas quase,  
no invisível sabá,  
elas são silenciosas como a gaze,  
ou farfalhante como o tafetá.

Frágeis: têm a estrutura inconsistente  
de teia imaterial,  
que uma aranha teceu pacientemente  
nos teares de um rosal.

E, entre tules volantes, noite e dia,  
o alado torvelim  
vertiginosamente rodopia,  
numa elasticidade de Arlequim!

Vêm coroadas de rosas, num remoinho  
cambiante de ouro em pó:  
cada rosa, que esconde o seu espinho,  
dura um minuto só.

Sessenta rosas, vivas como brasas,  
traz cada uma; e, ao bater  
da talagarça diáfana das asas,  
põem-se as coroas a resplandecer...

À proporção que gira à minha frente  
o bailado fugaz,  
cada grinalda, vagarosamente,  
aos poucos, se desfaz.

E quando as doze dançarinas, feitas  
de plumas, vão recuar,  
levam as frentes, claras e perfeitas,  
circundadas de espinhos, a sangrar...

Assim, depois que a estranha sarabanda  
na sombra se dilui,  
penso, vendo o outro bando que ciranda  
em torno do que fui,

que há uma alma em cada gesto e em cada passo  
das horas que se vão:  
pois fica a sombra de seu véu no espaço,  
fica o silêncio de seus pés no chão!...

© Guilherme de Almeida  
In A dança das horas, 1919